



Vol. 16, nº 1 (2019)

**ADMIRÁVEL MUNDO NOVO E ADMIRÁVEL CHIP NOVO:
INTERFACES INTERARTÍSTICAS¹**

**ADMIRÁVEL MUNDO NOVO AND ADMIRÁVEL CHIP
NOVO: INTERARTIC INTERFACES**

Wellington Oliveira de Souza²

Recebimento do texto: 28/02/2019

Data de aceite: 25/03/2019

RESUMO: Nossas reflexões visam estabelecer um diálogo entre o romance *Admirável mundo novo*, de Aldous Huxley e a canção *Admirável chip novo*, da cantora brasileira Pitty, com o intuito de percebermos, nessa interface interartística, como os discursos de ambos os textos descortinam características da sociedade nos séculos XX e XXI.

PALAVRAS-CHAVE: Sociedade; Assujeitamento; Modernidade; Huxley; Pitty.

ABSTRACT: Our reflexions aim to set up a dialogue between the novel *Admirável mundo novo*, by Aldous Huxley, and the song *Admirável chip novo*, by brasilian singer Pitty, aim to realize, in this artistic interface, how the discourse of both the texts show the characteristics of the society in the centuries XX and XXI.

KEYWORDS: Society; Subjection; Modernity; Huxley; Pitty.

¹ Texto produzido para a disciplina *Literatura e estudos interartes*, no PPGEL – UNEMAT, ministrada pelo professor Dr. Agnaldo Rodrigues da Silva.

² Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Universidade do Estado de Mato Grosso/UNEMAT- *câmpus* universitário de Tangará da Serra. Bolsista CAPES. Contato: wellington.os17@gmail.com



Introdução

Refletir sobre Literatura e Música faz-nos pensar sobre a evolução cultural, intelectual e espiritual do homem, uma vez que ambas descortinam a relação de seu criador e interlocutor com o mundo, pois, nelas, as experiências se fundem e instauram diálogos que tocam problemáticas inerentes à vida humana.

De um lado temos a literatura, universo extremamente amplo, complexo e jamais fechado, onde as possibilidades são constantes e capazes de fazer o ser humano refletir sobre a sua própria realidade. O texto literário reúne questões que estreitam diálogos entre produção literária, cultural e todas as outras manifestações artísticas, pois “a literatura assume muitos saberes” (BARTHES, 1977, p. 18). Assim, entendemos a literatura como um espaço de dizeres, reunião plurilinguística que abarca vozes pertencentes a todos os grupos sociais, as quais buscam compreender-se a todo momento através da Arte.

Por outro lado, temos a música, prática cultural e humana que é tão antiga como a existência do homem; logo, ela se confunde com a inteligência e evolução do mesmo (OLIVEIRA, 2012). Num primeiro momento, ela se concretiza no receptor através da audição; já com o criador a sua relação se dá através das experiências vividas por ele, o que irá impulsioná-lo durante o processo de criação. Trata-se da arte de combinar os sons de forma harmoniosa, criando um contexto sonoro repleto de significados. Música não é a letra, mas a combinação de sons, arranjos para os instrumentos, pausas, dentre outras características que se desenvolvem durante uma linha temporal criada para ela.



Em meio a isso, tem-se a “canção”, que designa diversos tipos de composições musicais produzidas para serem cantadas, isto é, as palavras são organizadas dentro da música para que algo seja dito; elas ganham sentidos que deverão ser decifrados e experimentados pelo interlocutor. Entendemos a música e a canção como produções pertencentes a um campo interdisciplinar, pois elas abarcam e colocam em relevo várias temáticas intrínsecas à sociedade.

Alicerçados nessas ponderações, as reflexões desenvolvidas neste trabalho visam estabelecer um diálogo entre o romance *Admirável mundo novo*, de Aldous Huxley, e a canção *Admirável chip novo*, da cantora brasileira Pitty, com o intuito de percebermos, nessa interface interartística, como os discursos de ambos os textos revelam características da sociedade nos séculos XX e XXI.

Produção de seres, assujeitamento e “estabilidade social” em *Admirável mundo novo*

O contexto histórico de *Admirável mundo novo* (romance escrito em 1931 e publicado em 1932) localiza-se temporariamente sete anos antes da segunda Guerra Mundial (1939 a 1945) e insere-se num período de muitas transformações sociais, bem como a existência de movimentos como o fascismo e o comunismo de estado. Huxley encontra-se em meio a expansão do mercado industrial da Europa e dos Estados Unidos, os quais começavam a ver o universo rural se deslocando para o universo citadino.

Nesse contexto destacamos Henry Ford, figura influente na administração moderna e que revolucionou as indústrias automobilísticas. Fundou a Ford Motor Company, o modelo Ford T (um automóvel) e o sistema de produção em série, elementos que aparecem no enredo do



romance aqui estudado e que nos permitem afirmar que as questões que atravessam a narrativa de Huxley representam o contexto político-social em que o autor viveu³, e isso pode ser visualizado quando o mesmo, em seu livro *Retorno ao Admirável Mundo Novo*, afirma:

Nós, que vivíamos na segunda metade do século XX d. C., éramos os habitantes de um universo na realidade horrível; porém, o pesadelo daqueles anos de depressão era totalmente diferente do pesadelo do futuro, descrito no Admirável Mundo Novo. O nosso era um pesadelo de absoluta falta de ordem; o deles, no século VII d. F., de ordem em excesso. No decurso de passagem de um ao outro extremo, haveria um longo intervalo, imaginava eu, durante o qual a terça parte mais afortunada da raça humana aproveitar-se-ia melhor de ambos os mundos – o mundo desordenado do liberalismo e o demasiado ordenado Admirável Mundo Novo, onde a eficácia perfeita não deixaria lugar para a liberdade ou para a iniciativa pessoal. (HUXLEY, 1959, p. 02).

O “mundo novo” existente na narrativa e localizado no século VII d. F. (depois de Ford) faz uma sátira ao contexto industrial e constitui-se enquanto representação de uma sociedade padronizada isenta de valores éticos e morais que rege a vida de seus membros, pois produz seres que são condicionados desde criança a viverem em harmonia mediante as regras impostas socialmente. Qualquer percepção que possa gerar sentimento de dúvida ou insegurança em relação a esse “mundo novo” é tratada com a ingestão de uma droga chamada Soma, “que permite uma fuga da realidade” (HUXLEY, 2016, p. 234). Todavia, essa droga configura-se como

³ Essas questões dialogam com o que o próprio Huxley diz em seu livro *Retorno ao Admirável Mundo Novo*: “Forças impessoais as quais quase não podemos controlar parecem estar a empurrar-nos a todos em direção ao pesadelo descrito no Admirável Mundo Novo; e este impulso impessoal está sendo cuidadosamente acelerado por representantes de organizações comerciais e políticas que desenvolveram um número avultado de notas técnicas de manipulação, em prol dos interesses de uma minoria, dos pensamentos e sentimentos das massas.” (HUXLEY, 1959, p. 09).



instrumento que domina os personagens, obrigando-os a enxergarem um mundo melhor e de acordo com as ideologias sociais.

A sociedade do romance é dividida em castas, representadas por cores: Alfa e Alfa+ (cinza), Beta (amora), Gama (verde), Delta (cáqui) e Ípsilon (preto). Essa estruturação se dá de acordo com as necessidades ideológicas e de consumo dessa sociedade: os Alfas são criados para se tornarem líderes do Estado Mundial; os Betas e os Gamas encontram-se numa hierarquia mediana; já os Delta e Ípsilon nascem atrofiados devido à falta (proposital) de oxigênio e tratamentos químicos durante o processo de incubação, tornando-os seres destinados ao trabalho e que figuram à margem da sociedade.

As personagens são produzidas no Centro de Incubação, lugar fundamental na narrativa, pois é nele e a partir dele que tudo se orienta:

Um edifício cinzento e atarracado, de trinta e quatro andares apenas. Acima da entrada principal, as palavras CENTRO DE INCUBAÇÃO E CONDICIONAMENTO DE LONDRES CENTRAL e, num escudo, o lema do Estado Mundial: COMUNIDADE, IDENTIDADE, ESTABILIDADE. (HUXLEY, 2016, p. 17). (Grifo do autor).

Esse é o parágrafo que abre a narrativa. A combinação dos signos linguísticos “comunidade”, “identidade” e “estabilidade” constrói uma significação que revela a ideologia de um discurso de dominação, cujo objetivo é demarcar e expandir os valores, conceitos e pré-conceitos vigentes no “admirável mundo novo” que será revelado ao leitor. A forma como os signos são conduzidos pelo narrador é de vital relevância para compreendermos os modos de organização social e ideológica dessa sociedade, onde o Centro de Incubação se mostra enquanto linguagem institucionalmente autorizada e superior aos modos de vida.



O lema do Centro de Incubação cria, portanto, um discurso que atravessa e é defendido pelos personagens em todo o romance: estabilidade social. O dizer materializa a ideia de que as pluralidades⁴ não devem existir, é preciso que a comunidade seja estável e que todos sigam os mesmos preceitos. Isso é caro ao “mundo novo” e aquele que não se enquadra a ele sofre com isso, pois é visto como “estranho”, “aberração”, como é o caso do personagem John, tido como Selvagem; o resultado de toda essa pressão social é o suicídio que ele comete no final da narrativa, como veremos mais à frente. Tais ponderações dialogam com o pensamento de Bauman (2003) quando o mesmo discorre sobre o termo “comunidade”. Para ele, as palavras carregam sensações e esta sugere algo bom, “a comunidade é um lugar “cálido”, um lugar confortável e aconchegante. É como um teto sob o qual nos abrigamos da chuva pesada, como uma lareira diante da qual esquentamos as mãos num dia gelado” (Idem, p. 7).

Bauman ajuda-nos a entender que a ideia que ronda o temo “comunidade” cria a sensação de harmonia, um lugar onde a confiança está presente e tudo parece caminhar de forma equilibrada, sem a sensação de medo, pois esse lugar protege-nos o ser a todo momento. A ideia de estranhamento entre os seres não existe e mesmo que exista discussões, estas se dão de forma amigáveis, sempre acreditando que o outro me quer bem. Não há tempos implacáveis, competição, desprezo, dentre outros pontos inerentes ao mundo moderno. Portanto, “comunidade” é o tipo de mundo que não está, lamentavelmente, a nosso alcance — mas no qual gostaríamos de viver e esperamos vir a possuir. (Ibidem, p. 9). Vale ressaltar que esse “admirável mundo novo” não é uma utopia, pois de fato ele existe

⁴ Entenda-se “pluralidades” como aquilo que escapa a um discurso maior da sociedade do romance.



e os personagens vivem nele. Essa questão é tida por vários estudiosos como uma distopia, no entanto não entraremos no mérito do conceito, uma vez que nossa preocupação é revelar a forma como Huxley, ao apresentar essa sociedade distópica, revela e critica a sociedade empírica da qual faz parte.

Ainda pensando sobre a forma de configuração de comunidade e como os indivíduos pertencentes a ela são moldados, ressaltamos que o conceito de família não existe, pois a produção em massa torna-os independentes e isentos de qualquer tipo de relação familiar ou qualquer vínculo afetivo. A existência dos personagens não deve estar relacionada aos sentimentos uns com os outros, mas sim às suas funções e, principalmente, contemplação a Ford (que dentro da narrativa funciona como Deus), pois “nosso Ford mesmo fez muito para diminuir a importância da verdade e da beleza, em favor do conforto e da felicidade” (Ibidem, p. 225), conforme o Administrador do Centro de Incubação.

A crítica delineada por Huxley direciona-se aos avanços tecnológicos e a forma como eles passam a centralizar o poder, pois, à medida que o mecanismo de produção em massa mostra-se cada vez mais eficiente, o resultado disso é ser mais custoso e complexo, o que afasta o homem empreendedor possuinte de poucos recursos, uma vez que a produção em larga escala exige que ela seja realizada na mesma ou maior proporção, e esses empreendedores que não conseguem acompanhar financeiramente essas questões, veem-se em desvantagem e excluídos enquanto produtores independentes e subalternos a um seletivo grupo composto por representantes que detém o poder.

Com base nessas questões, faz-se pertinente destacar um dos vários períodos de condicionamento das crianças. No berçário, o Diretor demonstra para os estudantes fecundadores a forma como os bebês são treinados para



não terem nenhum amor à natureza e aos livros, pois isso não estimula em nada a atividade de nenhuma fábrica. Ele pede para as enfermeiras trazerem os bebês, e, no primeiro momento, soltá-los para que engatinhassem em direção às flores e aos livros que ali se encontravam: “das filas de bebês que se arrastavam engatinhando, elevaram-se gritinhos de excitação, murmúrios e gorgolejos de prazer” (HUXSLEY, 2016, p. 32). Ao ver que todos estavam alegres e entretidos com os objetos, o Diretor deu um sinal para que uma enfermeira baixasse uma alavanca, esta que produziu uma explosão alta, violenta e muito aguda: “As crianças sobressaltaram-se, berraram; suas fisionomias estavam contorcidas pelo terror” (Idem, p. 33). Para que a lição fosse profundamente gravada pelos bebês, o Diretor de Incubação

Agitou de novo a mão, e a Enfermeira-Chefe baixou uma segunda alavanca. Os gritos das crianças mudaram subitamente de tom. Havia algo de desesperado, de quase demente, nos urros agudos e espasmódicos que elas então soltaram. Seus pequenos corpos contraíam-se e retesavam-se; seus membros agitavam-se em movimentos convulsivos, como puxados por fios invisíveis.

[...]

As explosões cessaram, as campainhas pararam de soar, o bramido da sirene foi baixando de tom em tom até silenciar. Os corpos rigidamente contraídos distenderam-se, o que antes fora o soluço e o ganido de pequenos candidatos à loucura expandiu-se novamente no berreiro normal do terror comum. (Ibidem, p. 33).

Para certificar-se do resultado positivo, o diretor sugere que as enfermeiras ofereçam flores e livros para as crianças, “mas à aproximação das rosas, à simples vista das imagens alegremente coloridas do gatinho, do galo que faz cocorocó e do carneiro que faz bé, bé, as crianças recuaram horrorizadas; seus berros recrudesceram subitamente” (Ibidem, p. 33). Esse método poderia se repetir por mais duzentas vezes e, conforme a narrativa



informa, “elas crescerão com o que os psicólogos chamavam um ódio "instintivo" aos livros e às flores. Reflexos inalteravelmente condicionados. Ficarão protegidas contra os livros e a botânica por toda a vida.” (HUXLEY, 2016, p. 33 - 34). A forma como os membros da sociedade são condicionados é totalmente agressiva física e psicologicamente. Tudo se inicia na incubação, em seguida temos o processo de condicionamento (preparação) e então eles parecem “prontos” para, enfim, viverem nesse “admirável mundo novo”. Isso revela cada vez mais uma tentativa de organização social indispensável nessa sociedade autorregulada de indivíduos que devem colaborar “livremente” com ela. Essa indispensabilidade mostra-se cada vez mais desastrosa por reprimir e até apagar o espírito criador dos personagens e a própria liberdade, o que é visível com as questões sociais, pois as sociedades norteiam a vida e seus membros, coisificando-a.

Durante todo o enredo, deparamo-nos com personagens que olham o passado como longínquo, alheio e inadmissível. Tudo isso é fruto de um discurso maior (da sociedade) que visa reforçar as ideologias de pertencimento ao “admirável mundo novo”, as quais são repetidas e alimentadas pelos seus membros. A inexistência da ideia de família, pai, mãe, solidão, dentre outros aspectos, são totalmente apagados. A imagem de Deus, como havia no passado, dá lugar a existência de Ford como o ser maior, nome que representa o modelo de inovação e transformação social nas indústrias da sociedade fictícia e, também, na qual Aldous Huxley viveu.

Huxley, ao discutir essas questões em seu romance, faz-nos dialogar com as ideias desenvolvidas por Giddens em seu livro *As consequências da modernidade* (1991). Para o pensador “os modos de vida



produzidos pela modernidade nos desvencilharam de todos os tipos tradicionais de ordem social, de uma maneira que não tem precedentes”. E mais: “tanto em sua extensionalidade quanto em sua intensionalidade, as transformações envolvidas na modernidade são mais profundas que a maioria dos tipos de mudança característicos dos períodos precedentes” (GIDDENS, 1991, p. 10). Entretanto, o “mundo novo” não está totalmente livre desse passado, pois ainda existem outros lugares habitados por personagens que ainda vivem naturalmente, ou seja, caçam, plantam seus alimentos e se relacionam uns com os outros, mantendo a cultura e a reprodução de filhos de forma natural, isto é, sexo entre o homem e a mulher, sendo esta que geradora. No entanto, o contato a esses lugares era vigiado pelos administradores do Centro de Incubação. Parece-nos que a tentativa de esquecer o passado nunca é concretizada, pois constantemente percebemos personagens comparando o presente com o passado, aspecto que, de certa forma, atualiza o que querem esquecer.

Em meio a isso tem-se o personagem Jhon, um jovem índio que representa o “diferente”, “antigo”, “bárbaro”. Certo dia, os personagens Bernard Marx⁵ e Lenina Crowne, cientistas do centro de incubação, em

5É interessante destacar a relação entre esse personagem e o filósofo, socialista, economista, dentre outros quesitos, Karl Marx. Assim como Marx, o personagem Bernard é insatisfeito com aquela organização social. O leitor até percebe que ele, em alguns momentos, mostra-se insatisfeito. Isso pode ser visualizado em um momento em que ele está conversando com Lenina sobre poder ser e fazer as coisas:

- Como posso? Não, o verdadeiro problema é este: Como é que não posso, ou antes - porque eu sei perfeitamente por que é que não posso - o que sentiria eu se pudesse, se fosse livre, se não estivesse escravizado pelo meu condicionamento?
 - Mas, Bernard, você diz as coisas mais espantosas!
 - Você não tem o desejo de ser livre, Lenina?
 - Não sei o que é que você quer dizer. Eu sou livre. Livre de me divertir da melhor maneira possível. Todos são felizes agora.
- Ele riu.



visita a um desses lugares, chamado Malpais, resolvem levar o indígena para a civilização, com o intuito de estudá-lo, uma vez que ele estava acostumado com aquela vida rústica, do campo, sem contato com os preceitos do “admirável mundo novo”. Sua mãe, Linda, que também o acompanhou, era uma mulher que, antes de chegar naquele lugar, vivia na civilização; ela fora abandonada pelo seu companheiro que descobriu que ela estava grávida (gravidez era visto como algo repugnante, uma vez que os bebês deveriam ser produzidos de forma independente).

A afetividade entre “mãe” “filho” é estranha aos membros do “admirável mundo novo” que, com essas personagens, aproxima-se do passado, uma vez que a cultura de ambos passa a figurar dentro dos modos de vida civilizada, e isso instaura no romance a tensão entre moderno e antigo, civilizado e selvagem. Essa questão coloca em terreno movediço a própria estrutura da narrativa, que se torna obrigada a aceitar a presença desses personagens que representam o “esquecido”.

Destaquemos um dentre os vários momentos na narrativa em que percebemos afetividade no personagem, aspecto que o humaniza e o contrapõe aos seres do “mundo novo”. É o momento quando Linda está no hospital, prestes a morrer. “Linda morria acompanhada – acompanhada e com todo o conforto moderno” (HUXLEY, 2016, p. 197). A ideia de morte é natural nesse mundo. A enfermeira diz: “- Nós tentamos - explicou a enfermeira que tomara a seu cargo o Selvagem desde a porta - criar aqui uma atmosfera inteiramente agradável, algo assim entre um hotel de primeira categoria e um palácio de Cinema Sensível, se é que o senhor me compreende” (Ibidem, p. 198). A forma como John questiona a situação da

- Sim, "Todos são felizes agora". Nós começamos a dar isso às crianças a partir dos cinco anos. Mas você não sente o desejo de ter liberdade para ser feliz de algum outro modo, Lenina? De um modo pessoal, por exemplo, não como os outros. (HUXLEY, 2016, p. 96).



mãe deixa a profissional espantada, pois aquelas relações de afeto são desconhecidas para ela:

- Há alguma esperança? - perguntou ele.
- Quer saber se há alguma esperança de ela não morrer? - O Selvagem fez que sim com a cabeça.
- Não, é claro que não há. Quando mandam alguém para cá, não há nenhuma... - Sobressaltada com a expressão de sofrimento do rosto pálido de John, interrompeu-se de repente.
- **Que é que há? - perguntou. Não estava acostumada com manifestações dessa natureza nos visitantes. (De qualquer modo, nunca havia muitos visitantes, nem razão para que os houvesse em quantidade.)** – O senhor não está se sentindo mal, não é?
- Ele sacudiu a cabeça.
- É minha mãe - respondeu em voz apenas perceptível.
- A enfermeira lançou-lhe um olhar horrorizado e, em seguida, desviou os olhos. Do pescoço às têmporas, seu rosto nada mais era que um rubor ardente. (Ibidem, p. 198). (Grifos nossos).

As posições das personagens mudam, devido a sociedade que se diz civilizada mostrar-se cada vez mais fria, blindada a possíveis sentimentos humanos, onde os seres são vistos como objetos que são produzidos para o consumo. O percurso de John naquele mundo é de estranhamento e questionamentos. Como resultado, ele resolve isolar-se daquela perseguição que vinha sofrendo e decide viver em uma pequena e modesta aldeia chamada Puttenham, “para escapar à contaminação da imundície da vida civilizada; era para purificar-se e tornar-se virtuoso; era para redimir-se ativamente” (Ibidem, p. 242). Durante os primeiros dias, ele viveu sozinho, no entanto começam a aparecer representantes das mídias com o intuito de observar a forma como vive, afinal é um “selvagem” e isso precisa ser mostrado para toda a Inglaterra. O personagem não consegue lidar com a pressão e tormenta sofridas e, como consequência, ele comete suicídio, enforcando-se.



A ideia de “novo” em relação ao passado é desvendada por Huxley como sinônimo de desumanização, em que as pessoas usam umas às outras e não há mais as relações pessoais, pois, agora, tudo traduz à rapidez e controle por parte de representantes que regem a sociedade. Os indivíduos se veem perdidos e incapacitados em viverem dentro de sistemas que controlam as opiniões.

Sujeição do ser em *Admirável chip novo*

“Admirável chip novo”, escrita e interpretada pela cantora brasileira de rock Pitty, faz parte do álbum⁶ que carrega o mesmo nome da canção e que fora lançado em 2003, composto por 11 faixas: “Teto de Vidro”, “Admirável Chip Novo”, “Máscara”, “Equalize”, “O Lobo”, “Emboscada”, “Do Mesmo lado”, “Temporal”, “Só de Passagem”, “I Wanna Be” e “Semana que vem”.

A presente canção, que aqui será pensada em diálogo com o texto literário *Admirável mundo novo*, de Aldous Huxley, carrega questões inerentes ao contexto em que foi produzida. Nela, encontramos uma forte crítica às regras impostas por uma sociedade⁷ que condiciona seus membros a viverem mecanicamente no mundo. É inquestionável a relação entre o romance e a canção aqui analisados não apenas no título de ambos, mas, principalmente, nas questões que são levantadas no interior de cada um.

A canção se configura como representação das consequências da sociedade de consumo e sociedade globalizada do século XXI, apresentando um eu lírico representativo em relação às formações sociais que dominam a

⁶O encarte do CD pode ser visualizado no endereço eletrônico <http://www.encartespop.com.br/2010/11/encarte-pitty-admiravel-chip-novo.html>

⁷ Entenda-se “sociedade” como um sistema específico de relações sociais.



vida do ser. A canção apresenta dois pontos chave: o de consciência e inconsciência do ser. No primeiro, deparamo-nos com um eu lírico (mesmo que brevemente) confuso, porém consciente de que está sendo manipulado por uma força dominante (que para nós representa, num primeiro aspecto, a própria sociedade e, num segundo, aquilo que Althusser chama de aparelhos ideológicos do Estado); o segundo ponto revela-nos o apagamento de sua consciência individual; a voz que passa a se manifestar não é mais a sua, mas sim as ideologias das forças dominantes que compõem a sociedade.

Defendemos a ideia de que existe classes superiores e inferiores dentro da canção. De um lado temos uma sociedade dominante, e, de outro, um eu lírico que não pertence a ela. Essa questão direciona-nos à própria ideia de classe dominante e classe dominada, pois essa separação se dá a partir do momento em que o eu lírico parece ser manipulado por uma força maior, configurada como representante de um domínio ou grupo social.

Ao debruçarmos analiticamente sobre a canção de Pitty deparamo-nos, em termos gerais, com a existência de um eu lírico que se vê obrigado a condicionar-se a um sistema que tem controle sobre sua vida, coisificando-a; a ele não é dada a escolha. Há a manipulação e apagamento da sua identidade, que é substituída por outra com valores externos, obrigando-o a figurar e ali existir conforme as vontades e os interesses do outro. Ao nosso ver, essa canção descortina a desumanização e coisificação do humano, o que também é possível encontrar no romance de Huxley, exceto no personagem John. São características próprias das sociedades que caminham em direção às grandes conquistas tecnológicas e científicas.

Visualizemos a primeira estrofe da canção:



Vol. 16, nº 1 (2019)

Pane no sistema, alguém me desconfigurou
Aonde estão meus olhos de robô?
Eu não sabia, eu não tinha percebido
Eu sempre achei que era vivo

Nesse momento o eu lírico encontra-se livre e um tanto perdido nessa realidade. Através de seu questionamento, presenciamos a existência de uma força maior que o orienta e o controla. A desconfiguração que o desvincula dessa força coloca-o em estado de vigília em relação a si e ao mundo, uma tentativa de compreensão do momento em que não se vê mais como alguém coisificado (olhos de robô) e nem pertencente a um único lugar. Fora desse sistema, ele se sente perdido, afinal a própria sociedade cria e propaga dizeres que excluem aqueles indivíduos que não a seguem. Essa crítica orienta-se à exposição de uma sociedade onde os seus indivíduos vivem constantes degradações, que abalam seus alicerces e a insegurança passa a figurar como elemento central de suas vidas.

Mesmo perdido diante dessa situação, essa “pane no sistema” permite que ele perceba que não está vivendo conforme ele mesmo, como podemos ver na afirmação “eu sempre achei que era vivo”. Diferente do romance de Huxley, aqui não há indícios explícitos que marcam quem são as instituições ou nomes que orientam essa sociedade, no entanto acreditamos que isso representa uma pluralidade de sistemas dominantes, os quais figuram no contexto social da voz que fala no poema, como veremos mais adiante. No romance, percebemos a presença do Centro de Incubação enquanto instituição dominante, a qual representa a sociedade de Londres, Inglaterra. Entretanto, essa sociedade da canção quer ter pleno domínio sobre a vida de seus sujeitos, moldando-os enquanto seres robotizados.

Esse aspecto é visível quando o eu lírico afirma:



Vol. 16, nº 1 (2019)

Parafuso e fluído em lugar de articulação
Até achava que aqui batia um coração
Nada é orgânico é tudo programado
E eu achando que tinha me libertado

A consciência de sua condição se dá entre a percepção da existência “orgânica” e outro “mecânica”, e isso configura-se no eu poético ora consciente do que fizeram, fazem e vão fazer de si: “nada é orgânico é tudo programado”. Ele sabe que essa tomada de consciência é momentânea: “E eu achando que tinha me libertado”. Tal aspecto descortina e acentua um sujeito móvel, isto é, mesmo tendo consciência de seu estado, pensar uma identidade para ele é impossível, pois a sua manipulação configura a própria solidez de sua percepção enquanto pertencente a uma ideologia.

Assim, o jogo entre “orgânico” e “não orgânico” instaura na canção a robotização do eu lírico, consequência dos avanços da sociedade, o que tem modificado o mundo a ponto de influenciar nas relações humanas em geral. O que temos, portanto, é uma otimização do próprio humano no que diz respeito à sua produtividade. Todo o contexto revelado e criticado por Pitty é o capitalismo, aspecto que passa a ser delineado ainda mais a partir da seguinte estrofe:

Mas lá vem eles novamente
Eu sei o que vão fazer
Reinstalar o sistema. (Grifo nosso).

A adversativa “mas” denuncia a prisão vivida pelo eu lírico que se encontra em uma constante contradição entre “querer ser” e “ser o que querem que seja”; mas na verdade ele nunca é e nem pode ser o que quer. O eu poético não tem escolha, pois está condicionado a ser a programação que não pode escapar ou se revoltar contra esse sistema que o domina, uma vez



que a sua consciência só existe no momento da “pane no sistema” e não extrapola isso. Não há, contudo, espaço para as suas opiniões.

A palavra “novamente” faz-nos perceber como essa força é constante na vida dos membros que compõem essa sociedade que oprime. Tem-se, portanto, um jogo de forças que é um constante devir. Isso instaura a repetição, que deve ser vista como ato ritualístico, um arquétipo de qualquer ideologia, pois o ritual de repetição dos discursos vigentes em determinado grupo são alimentados para que a força dominante não perca suas raízes em determinada posição dentro de uma sociedade. O sujeito da canção não pode escapar a isso, pois, se assim for, torna-se ameaça à organização social. Assim, a chegada do “eles” apaga totalmente a consciência do eu poético que não existe mais enquanto consciência individual no plano enunciativo.

Diante disso, questionamo-nos: quem são esses “eles” que aparecem diante do eu poético? Essa questão faz-nos atualizar a ideia de Althusser (1980) quando discute sobre os Aparelhos Ideológicos do Estado, que são “um certo número de realidades que se apresentam ao observador imediato sob a forma de instituições distintas e especializadas” (Idem, p. 43), e funcionam de forma massiva e prevalentemente pela ideologia. Podemos dizer que esse “eles” da canção coloca em funcionamento dizeres pertencentes a esses aparelhos que, dentro de uma sociedade, são: escola, família, igreja, o jurídico, o sindical, o cultural (Ibidem, p. 43-44), pois eles, enquanto pilares que organizam e formam a sociedade, moldam nossa formação, tornando-nos seres reprodutores de seus discursos dentro de uma estrutura social em que, constantemente, há disputas ideológicas.

Essas vozes que atravessam e pululam no eu poético são percebidas nas seguintes estrofes:



Vol. 16, nº 1 (2019)

Pense, fale, compre, beba
Leia, vote, não se esqueça
Use, seja, ouça, diga
Tenha, more, gaste, viva

Pense, fale, compre, beba
Leia, vote, não se esqueça
Use, seja, ouça, diga

Não senhor, sim senhor
Não senhor, sim senhor

O eu poético consciente não fala mais. Atravessado por outras ideologias, o que temos acima são vozes dos sistemas que regem e orientam a sociedade. Essas vozes mostram-se opressoras, ordenam, impõem um discurso controlador que é materializado por meio da repetição, estratégia de fixar, aprimorar e tornar o sujeito útil a eles. As informações introjetadas tornam-se instrumento de manipulação que interfere no comportamento do ser. Faz-se pertinente salientar que todas as palavras que compõem essa estrofe se enquadram em todos os aparelhos ideológicos destacados por Althusser, pois guiam-nos e obriga-nos a “pensar”, “falar”, “comprar”, etc., conforme suas percepções.

A forma como Pitty se mostra engajada nas questões sociais revela a preocupação em refletir sobre aspectos inerentes à sua realidade. Nada é gratuito na linguagem e a artista, enquanto sujeito ideológico, escolhe e materializa no texto os verbos no imperativo, como representação dessa multiplicidade de vozes que moldam a vida do ser humano dentro de uma sociedade. Desta maneira, toda formação social revela um modo de produção dominante, isto é, para existir, toda a formação social deve, ao mesmo tempo que produz, reproduzir as condições da sua produção, o que significa reproduzir as forças produtivas e as relações de produção



existentes (ALTHUSSER, 1980, p. 10 - 11). Isso quer dizer que os dizeres presentes na canção de Pitty insinuam que nós aprendemos desde cedo “saberes práticos⁸” que, mais tarde, serão cobrados pela própria sociedade, havendo, assim, uma sujeição à ideologia dominante.

O que percebemos, portanto, é que a canção lida com as problemáticas sociais e individuais, com o intuito em expor as transformações humanas e como estamos cada vez mais vigiados, bem como orientados a reproduzir discursos que não pertencem a nós. O eu poético fictício ou mimético oferecido pela canção reflete momentos transfigurados da realidade empírica externa, e isso tem se tornado representativo para algo além do mundo ficcional.

Que mundo-chip novo é esse? Diálogos

A modernidade refere-se ao estilo, costume de vida ou organização social que ascenderam na Europa a partir do século XVII e isso se tornou posteriormente mais ou menos mundiais no que diz respeito à sua influência (GIDDENS, 1991, p. 08). A partir de então, o mundo vem sofrendo profundas transformações e seus indivíduos precisam ser capazes de acompanhá-las. Esse progresso da humanidade tem se tornado cada vez mais vazio de conteúdo e o número de informação que chega aos indivíduos são cada vez mais assustadoras. Conforme o autor, “a modernidade é inerentemente globalizante, e as consequências desestabilizadoras deste fenômeno se combinam com a circularidade de seu caráter reflexivo para formar um universo de eventos onde o risco e o acaso assumem um novo Caráter” (Idem, p. 155).

⁸ Ver *Ideologia e aparelhos ideológicos do estado*.



Admirável mundo novo e *Admirável chip novo* revelam um mundo de processo simultâneo de transformação da subjetividade e da organização social global, o que é perigoso e perturbador, pois as consequências são altas. Os seres passam a existir no mundo como sujeitos assujeitados dentro de sistemas opressores, rudes e ditadores. Tem-se, assim, a tradução de um mundo em que as consequências dos avanços sociais (tecnológicos e científicos) figuram de maneira severa na vida humana, uma vez que “as tendências globalizantes da modernidade são simultaneamente extensionais e intensionais — elas vinculam os indivíduos a sistemas de grande escala como parte da dialética complexa de mudança nos pólos local e global” (Ibidem, p. 155).

As sociedades construídas e desvendadas nos dois textos fazem-nos dialogar com a ideia de Stuart Hall (2006) ao dissertar acerca das culturas nacionais como comunidades imaginadas. O que nos interessa destacar é a forma como Hall expõe o conceito de “identidade nacional” e como ela é construída. Afirma que “uma cultura nacional é um *discurso* – um modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto nossas ações quanto a concepção que temos de nós mesmos” (Idem, p. 52).

Ancoramo-nos nessas discussões para afirmar que a sociedade do romance de Aldous Huxley e a da canção de Pitty funcionam como efeito de dizeres dominantes. Entendemos dessa forma por percebermos que a ideia de “estabilidade social” é discurso que paira sobre os personagens e suas vidas, e, na canção, o discurso do “eles” também é imposto ao sujeito. Tem-se, assim, uma constante interpelação dos indivíduos para que a todo momento seja reafirmada a ideia de sociedade feliz e estável (no romance) e a sociedade capitalista e de vários aparelhos ideológicos (na canção).



Hall afirma ainda que “as culturas nacionais, ao produzirem sentidos sobre “a nação”, sentidos com os quais podemos nos *identificar*, constroem identidades” (Ibidem, p. 51). No entanto, não percebemos nascimento de identidades individuais, pois, desde o nascimento, os personagens têm suas identidades apagadas por meio de um processo de afirmação de um “admirável mundo novo”, este que é reforçado constantemente como o certo, o melhor. A linguagem é usada a todo momento como instrumento de dominação.

No romance uma “narrativa da nação”, ou melhor, do “mundo novo”, é delineada desde o início do texto, tudo isso por meio da repetição das ideologias vigentes. Ninguém questiona, por exemplo, o uso da droga Soma, e todos entendem que ela deve ser ingerida sempre que algo possa afastá-los dos preceitos do “mundo novo”. Esse discurso já havia sido instaurado nesses personagens, os quais consomem a droga por terem ouvido dizer que deveriam consumi-la sempre. O que percebemos é que não há questionamentos, apenas repetições de discursos, assujeitamento. Há uma constante tentativa em não deixar minguar o discurso sobre o “mundo novo”. Ou seja, unifica-se o ser dentro de uma identidade cultural, uma estrutura cultural que além de deter o poder constrói sentidos que influenciam a vida e as ações das personagens.

Essas questões fazem-se presentes, também, em *Admirável chip novo*. O sujeito descortinado na canção de Pitty é, assim como no romance de Huxley, condicionado. Todavia, na canção assimila-o a dois contextos: a um universo robótico, mundo que é atualizado no texto para construir e reforçar a ideia de coisificação do homem. Em segundo lugar, a palavra



“chip”⁹ escorre em sua conotação para apontar exatamente para as questões encontradas no romance de Huxley, pois o que temos é a manipulação e desconstrução do ser. “Chip” significa “ideologia”, cuja estrutura é interpelar eu lírico em nome de um Sujeito único e Absoluto, isto é, o centro, a força dominante.

Assim, o romance e a canção revelam sociedades que assemelham com a que o personagem K., de *O Castelo*, vive, pois ele a todo momento tenta alcançar o castelo (símbolo de poder dentro da organização social), todavia nunca conseguirá, pois os aparelhos ideológicos que organizam o mundo ficcional do romance de Kafka funcionam da mesma forma como nas sociedades de Huxley e Pitty, onde cada ser possui um papel social e vive em meio às burocracias impostas pelo poder dominante. Há um forte questionamento às instituições e como elas se colocam frente ao ser. Até quando seremos K. na sociedade?

Contudo, este trabalho buscou estabelecer um diálogo entre o romance *Admirável mundo novo*, de Aldous Huxley, e a canção *Admirável chip novo*, da cantora brasileira Pitty, a fim de percebermos como ambos os textos descortinam características da sociedade nos séculos XX e XXI. A ideia, além de perseguir essas questões, foi, também, um estudo interartístico para estreitarmos diálogos entre literatura e outras manifestações artísticas, no caso, a canção. O resultado de nosso percurso

⁹ Ao recorrermos ao dicionário para compreendermos o significado da palavra “chip” temos: 1 ELETRÔN Pastilha miniaturizada de silício, usada na construção de transistores, díodos ou demais semicondutores. 2 INFORM Circuito constituído de componentes miniaturizados, montados em uma pequena pastilha de silício ou de outro material semicondutor; circuito integrado: “Todo mundo que me liga ou manda mensagem está cadastrado no meu chip” (LA3). 3 VET Pequena lâmina introduzida abaixo do pelo de animais, para que sejam controlados e identificados. Disponível em <http://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=chip> Acesso em 23/06/2019 às 23h00min.



investigativo faz-nos defender a urgência em abordagens interartísticas, pois as experiências humanas pululam nelas através da linguagem que carrega significados, revelando a relação da obra com a sua historicidade, a qual coloca-nos nos meandros da vida humana.

Referências

ALTHUSSER, Louis. **Ideologia e aparelhos ideológicos do estado**. Lisboa: Editorial Presença/Martins Fontes, 1980.

BARTHES, Roland. **Aula**. 8.ed. São Paulo: Cultrix, 2000.

BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual**. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

_____. **Identidade**. Entrevista a Benedetto Vecchi. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

_____. **Tempos líquidos**. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. Tradução de Raul Fiker. São Paulo: Editora Unesp, 1991.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós modernidade**. 11.ed. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HUXLEY, Aldous. **Admirável mundo novo**. Tradução de Lino Vallandro, Vidal Serrano. São Paulo: Mediafashion, 2016.

_____. **Retorno ao admirável mundo novo**. São Paulo: Hemus, 1959.

KAFKA, Franz. **O castelo**. Tradução de Modesto Carone. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

OLIVEIRA, Solange Ribeiro de Oliveira. **Perdida entre signos: Literatura, Artes e Mídias, hoje**. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2012.



Vol. 16, nº 1 (2019)

PITTY. “Admirável chip novo”. In: _____. **Admirável chip novo**. CD.
Faixa 1-11. 2003.

O conteúdo deste texto é de total responsabilidade do autor.